

HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER LÉSBICA COM AUTISMO E MODELAGENS SOCIAIS: ENTRE O ASSUJEITAMENTO E O AGENCIAMENTO NO CAMPO

Rebecca de Albuquerque Castro¹
 Aynoan Raquel da Silva Brito²
 Alberes Vinícios Cavalcanti de Moura³
 Bruno João dos Santos Bernardino⁴
 Ernani Nunes Ribeiro⁵

RESUMO

Este estudo versa sobre o tema sexualidade da mulher lésbica com transtorno do espectro autista, sendo inserido na linha de Biologia tendo em vista que no contexto da educação formal, a sexualidade historicamente vem sendo reproduzida por professores de Ciências Biológicas, o trabalho faz parte de um estudo maior intitulado por “A sexualidade da pessoa com deficiência e as entrelinhas da violência simbólica”, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Affectio/CNPQ (UFPE). Inicialmente o objetivo do estudo era desenvolver revisão sistemática da literatura sobre a temática, contudo, apesar do Transtorno do Espectro Autista ter sido inserido no Manual de Transtornos Mentais 3 (DSM) no ano de 1980, ainda há poucos estudos que versam sobre a temática sexualidade da mulher com TEA. Assim, optou-se por, através do método história oral, que teve como sujeito a autora, uma mulher lésbica com autismo, levantar as disposições de violência simbólica presentes na narrativa dessa agente. Os dados foram tratados por meio do método autoanálise, sendo as reflexões dispostas na teoria bourdieusiana. Os resultados indicam que a mulher lésbica com autismo vivencia tripla exclusão na vivência da sua sexualidade, aderindo à política do silenciamento por meio de modelagens sociais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; sexualidade; mulher lésbica; modelagens sociais; violência simbólica.

INTRODUÇÃO

Sou uma estrada procurando só
 Levar o povo pra cidade só
 Se meu destino é ter um rumo só
 Choro em meu pranto é pau, é pedra, é pó
 Se esse rumo assim foi feito, sem aprumo e sem destino
 Saio fora desse leito, desafio e desafio
 Mudo a sorte do meu canto, mudo o norte dessa estrada

¹ Assistente social e pedagoga, Mestre em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Pernambuco; Mestranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, rebecca.castro@ufpe.br;

² Licencianda pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, aynoan.brito@ufpe.br;

³ Licenciando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, alberes.vcmoura@ufpe.br;

⁴ Mestrando do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, bruno.joaob@ufpe.br;

⁵ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, ernani.ribeiro@ufpe.br.

Em meu povo não há santo, não há força e não há forte
Não há morte, não há nada que me faça sofrer tanto Vai,
violeiro, me leva pra outro lugar
Que eu também quero um dia poder levar Toda
gente que virá
Caminhando, procurando
na certeza de encontrar
(A estrada e o violeiro, Sidney Álvaro Miller Filho)

Fazer uma autoanálise não é uma tarefa fácil, principalmente quando o foco é marcado pela escrita acadêmica, estabelecendo a *práxis* do distanciamento e aproximação do tema de estudos, nesse momento unifica-se e distancia-se a autora na forma do “eu”. O “eu” disposto não desvelando as possibilidades de uma autobiografia, tendo em vista que Bourdieu, a quem o “eu” subscrito no *homo academicus* segue, não acredita em obras tomando como parâmetro a autobiografia, tendo em vista a ilusão observada por detrás da narrativa do uso da técnica (Bourdieu, 2005).

Assim, foi realizada a escolha por aspectos dialogando com as questões moldando a autora ao longo da vida, fazendo-a ser uma agente centrada em modelagens sociais. Pelo fato de a autora acreditar que a educação formal, não formal e informal transmite e reproduz os *habitus* predominantes nos campos, optou-se por trazer disposições vinculadas à família e comunidade, representando a educação informal; a escola, representando a educação formal; e, alguns espaços de educação não formal.

A redação será na terceira pessoa, pois a autora entendeu que a sua história pode ser contemporânea a história de outras mulheres-lésbicas-autistas (Fonseca, 1999), que carregam no corpo, além da deficiência invisível, as marcas que a posição de dominada costuma delimitar nos campos por meio do *habitus* do silenciamento e encaixe à métricas socioculturalmente construídas de normalidade (Ribeiro, 2020).

Além desses aspectos, será apresentado o cenário histórico permeando no Brasil nas gerações que antecederam o nascimento da estudante, de maneira a traçar o perfil socioeconômico e educacional reproduzido e herdado pela mesma. Assim como os mecanismos de refutação para que a pertença da escritora ao campo fosse condicionada pelas perspectivas de continuidade dos *habitus* dominantes.

No que diz respeito ao referencial teórico, a autora optou por trazer junto à sua narrativa os conceitos bourdeusianos, de Butler e de teóricos que estudam o autismo, dentre esses mais especificamente as que indicam o recorte do autismo no gênero, como é o caso de Mendonça e Silva (2022). Também foram contextualizados documentos nacionais da educação e da sexualidade, que dialogam com teóricos da educação em ciências e com teóricos e teorias do modelo social de segunda geração, que impulsionam os estudos para além da deficiência.

Como contributo do percurso percorrido explicitando que apesar desse texto conter poucos elementos pré-textuais, a autora tentou inserir uma epígrafe como maneira de manifestar a constante gestação da mulher-lésbica-autista em relação a si mesma, fazendo-a, como afirmou Beauvoir (2014), tornar-se mulher; tornar-se alguém modelada pela sociedade, metaforicamente representada na música pela estrada.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo qualitativo de abordagem exploratória do tipo autoanálise. A autoanálise seguiu a teoria bourdieusiana, sendo estruturada em quatro etapas para o seu desenvolvimento, foram essas: definição do campo a ser estudado; reconhecimento dos *habitus* no campo, de maneira a entender como a educação, família, classe social e experiências culturais moldaram as percepções sobre o campo em análise; análise do campo, incluindo as relações de poder e regras do campo de maneira a compreender como essas guiarão as ações do agente; reflexões sobre os capitais, de que maneira os capitais (social, corpóreo, cultural, econômico, social, total) foram adquiridos e ofereceram insights para que o agente percebesse as vantagens e desvantagens no campo; distância crítica em relação a si mesma; e, objetivação participante, de maneira a desenvolver equilíbrio entre o envolvimento pessoal e o distanciamento analítico.

A agente da pesquisa é a própria pesquisadora, que no momento em que se propõe a desenvolver o método de estudo, aceita as questões relativas à publicidade da própria imagem em forma de pesquisa e publicação acadêmica em congresso internacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto histórico e reconhecimento do campo e dos agentes vinculados à acadêmica

O ano do nascimento dela foi 1981, sendo anterior, ainda quando estava no ventre materno, os primeiros *habitus* eram desenhados para o início da inculcação das normas do campo (Bourdieu, 2012). Ela é da terceira geração de uma aristocracia com ampla atuação política no País e empresarial em Pernambuco, com violências físicas, patrimoniais e simbólicas contra indígenas e negros naquela região. Assim, descendente de família com hegemonia de etnia branca, compondo *habitus* dominantes (Bourdieu, 2005; 2012).

Por parte de mãe, as famílias advindas da Europa, com evidente participação histórica na cidade do Recife, principalmente nas áreas do comércio, Direito e da Literatura, dentre esses, um membro da terceira geração da pesquisadora, homem com baixa visão, sendo o primeiro da família a ser retratado com deficiência. Apesar disso, a cegueira e baixa visão não tinham definição à época do nascimento desse descendente, em 1868, havendo a definição apenas na década de 1960 (Castro e Santos, 2020).

Todo esse contexto desvela que a pesquisadora advinha de *habitus* dominantes, que de acordo com Bourdieu (2012; 2005) reproduzem os costumes no contexto da educação formal, não formal e informal, isso ocorrendo por meio dos capitais simbólicos incorporados, objetivados e institucionalizados (Bourdieu, 2005). Por outro lado, o avô materno compo a família notória de Pernambuco, contudo, que tinha parte dos integrantes negros, todavia, à época não haviam ainda estudos sobre raça e racismo (Carneiro, 2023), principalmente indicando as violências simbólicas estruturadas e estruturantes nos campos. Por essa razão, a mãe da autora é uma mulher negra, tendo convivido com violências sexistas e racistas, inclusive nos cuidados dos/as filhos/as, nascidos brancos. Assim, o valor simbólico do útero materno esteve vinculado às possibilidades da gestação de filhos/as brancos/as (Carneiro, 2023).

No contexto do seu nascimento, em 1981, a família de pais, avós e tios era predominantemente militar, estando envolvida com os aspectos emergentes da Ditadura Civil-Militar, sendo o Brasil governado pelo Presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979-1985), último Presidente naquele período de exceção. Alguns movimentos sociais e ambientais despontavam, dentre esses: movimentos feministas, organizações de pessoas negras, movimento pela preservação do meio ambiente e movimento de pessoas com deficiência (Albuquerque, 2015; Martins, 2012).

Com relação ao movimento de pessoas com deficiência, o Brasil adentrava politicamente no modelo social, entendendo que as deficiências não estavam nas pessoas, mas nos espaços. Os precursores do modelo social eram homens brancos, em situação de cadeira de rodas e privilegiados economicamente (Oginoya, 2018), isso pode justificar o porquê de estudos sobre gênero e pessoas com deficiência apenas começarem a existir em 2000, com o modelo social de segunda geração, envolvendo outras interseccionalidades vinculadas ao tema deficiência (Azevedo, 2017).

Esses aspectos englobando a vida gestacional da autora, demonstrando que estaria em ambiente dominante com nuances de dominação, inferiorizando as mulheres pertencentes ao campo e que norteava os *habitus*, mesmo das pessoas de etnia branca, tendo em vista a reprodução da hegemonia heteronormativa vigente, tendo o homem branco com capitais totais como modelo de belo na métrica socioculturalmente construída da considerada normalidade (Bourdieu, 2012).

Infância

A autora nasceu em Recife em 1981, pesando 2,90 kg, e seu parto foi filmado em tempo real pelo pai, médico, e transmitido para a sala de visitantes, onde tios, avós e amigos assistiram. As primeiras características corpóreas notadas pela família foram o nariz núbio e o cabelo

crespo, o que preocupou o pai, já que divergiam de seus cabelos lisos, apesar de ser casado com uma mulher negra. A avó materna branca tentou modelar o nariz da pesquisadora para se adequar aos padrões da família (Carneiro, 2023).

Desde cedo, a autora teve os primeiros *habitus* inculcados, os que compõem o capital cultural incorporado (Bourdieu, 2005). Seu quarto era rosa, cheio de bonecas e ursos, mas ela preferia brincar sozinha, criando um mundo imaginário. Mais tarde, descobriu-se que ela era autista, o que influenciou sua memória de longo prazo, uma vez que alguns autistas podem ter memórias de longo prazo (Logie, 2011).

Devido a questão da memória, lembra-se de eventos precoces, como engatinhar, tomar mamadeira e suas primeiras quedas. Dentre essas memórias, destaca-se o controle do irmão mais velho, também autista, sobre a televisão, que escolhia programas de lutas e carros. Butler (2019) discute a simbiose entre o biológico e o sociocultural, criando binarismos como homem/mulher e forte/fraco, impondo à autora uma estrutura de normas de gênero e valor (Bourdieu, 2012; Butler, 2020).

Na escola, os pais descobriram que a pesquisadora era autista e a colocaram em acompanhamento psicopedagógico por sete anos, embora ela precisasse de mais tempo de atendimento. Naquela época, o diagnóstico de autismo em mulheres era raro, pois as pesquisas focaram principalmente em meninos, em especial na década de 1960. Isso explica por que o azul representa o autismo, baseado na crença de que para cada dez meninos autistas havia uma menina, proporção que hoje é de dois meninos para uma menina (Vasconcelos, 2022). Mulheres autistas tendem a mascarar seus traços, dificultando o diagnóstico (Mendonça e Silva, 2022). Apesar do diagnóstico precoce, os pais esconderam a condição e a orientaram para seguir as normas de neurotipicidade.

Assim, termos pejorativos como "preguiçosa", "malcriada", "difícil" e "menina masculinizada" moldaram a percepção da autora sobre si mesma. Ela enfrentava dificuldades em funções executivas e sensoriais, preferindo roupas largas para evitar desconforto sensorial, como ocorre com muitos autistas (Mendonça e Silva, 2022). A família utilizava castigos físicos e simbólicos para moldá-la conforme os padrões de gênero feminino da classe média alta, resultando em depressão e ansiedade desde a infância, facilitando com que os traços autísticos, aos poucos, fossem sendo mascarados (Mendonça, 2019).

Além das pressões familiares, a autora também vivenciou violências simbólicas no ambiente escolar, sendo frequentemente expurgada por ter comportamentos que divergiam do campo (Butler, 2020). Ela tentava se incluir através da técnica de acerto e erro, sem sucesso na infância, método utilizado por muitos autistas (Mendonça e Silva, 2022). Aos nove anos,

testemunhou o suicídio do pai, que também poderia ser autista, destacando a maior vulnerabilidade de pessoas autistas ao suicídio (Romano e Paravidini, 2022).

Aos 11 anos, a autora teve seu primeiro beijo com uma menina da mesma idade, cujo pai também era militar e compartilhava disposições semelhantes às da família da pesquisadora. O beijo, desprovido de conotação sexual, foi marcado pela exclusão imposta pela métrica heteronormativa da época, refletida em ditados populares como “homem com homem dá lobisomem, mulher com mulher dá jacaré” (Couto Junior, 2004).

Naquela época, as escolas não abordavam temas como a homossexualidade, ainda intitulada por homossexualismo, um termo que só foi modificado em 1994 com o CID 10, que retirou as relações entre pessoas do mesmo gênero do Código Internacional de Doenças (Carneiro, 2015). Assim, a infância da autora foi marcada pela tentativa de introspecção dos habitus primários por meio de normas de silenciamento e naturalização de violências simbólicas (Bourdieu, 2012), tornando-a uma mulher-lésbica-autista que buscava se encaixar em um mundo estruturado pela hegemonia branca e heteronormativa.

Adolescência

Aos 12 anos, a autora estudava em uma escola renomada moldada pela ideologia freireana, mas não se sentia incluída. As aulas de Educação Física eram especialmente temidas devido à sua coordenação motora pouco desenvolvida, o que frequentemente resultava em dedos quebrados e dores corporais. Ela preferia o isolamento durante o recreio e evitava socializar, chegando a não fazer tarefas de casa para ser punida e ficar na sala durante o recreio. As escolas não foram moldadas para pessoas como a autora (Saviani, 2020).

Aos 14 anos, começou a se interessar por corpos femininos, mas não sabia se esse sentimento era natural, pois não era legitimado e não era discutido, com doenças sendo o foco das aulas de Ciências (Cunha et al., 2019). A autora questionava se havia outras pessoas iguais a ela, mas a sociedade impunha a política do silenciamento (Orliandi, 2007). Para se sentir pertencente, desenvolveu habilidades de imitar personalidades, algo comum em mulheres autistas (Mendonça e Silva, 2022).

As questões de gênero tornavam-se mais evidentes em relação ao irmão, que recebia mesada significativamente maior. A autora refletia sobre as diferenças entre pênis e vagina e como isso influenciava seu valor social. Culturalmente, o pênis era visto como detentor de poder, enquanto o clítoris não tinha a mesma representação simbólica (Bourdieu, 2012; Butler, 2020). Assim, ela experimentava o mundo em silêncio, evitando questionamentos para não ser vista como desviante dos padrões socioculturais (Bourdieu, 2012).

Aos 15 anos, mudou-se para uma escola militar, lugar em que enfrentou esgotamento

sensorial e crises de desmaios devido à exposição ao sol e às atividades físicas intensas. Nessa época foi notado que ela corria na ponta dos pés, uma característica comum em pessoas autistas (Mendonça e Silva, 2022). Nessa escola, fez sua primeira amizade, era uma menina negra, também excluída por não se adequar aos padrões socioeconômicos da maioria dos alunos (Bourdieu, 2012). Saviani (2020) observa que as escolas foram pensadas para a classe dominante, excluindo corpos marginalizados.

Após a escola militar, a autora mudou-se para um colégio em um bairro nobre do Recife, onde enfrentou dificuldades adicionais de socialização devido aos diferentes *habitus* que compunham a adolescência. Continuava a evitar o recreio, preferindo ficar na sala de aula. A questão da sexualidade tornou-se mais evidente, mas ainda não era abordada nas escolas, apesar das discussões sobre políticas educacionais multiculturais na década de 1990 (Quadros e Nascimento, 2015), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional focava na educação especial e na diversidade étnico-racial, mas não na prevenção da discriminação baseada em orientação sexual (Brasil, 1996).

Foi apenas em 1999, aos 18 anos, que a autora descobriu que ser lésbica era comum a outras meninas e mulheres. Essa descoberta foi comparada à Alegoria da Caverna de Platão, revelando um novo mundo de reflexão crítica e autocompreensão (Santos, 2010). No entanto, ela enfrentou o silêncio fundador: aquilo que não é dito, mas que existe nas palavras e produz significação (Orlandi, 2007).

Juventude

Foi na juventude que a autora começou a se descobrir com mais profundidade, mas também enfrentou invisibilização, principalmente em relação à sexualidade. Quadros (2014) indica que a invisibilização e o silenciamento de mulheres jovens no contexto educacional são práticas comuns. A juventude da autora foi marcada por episódios de depressão, uma vez que, embora necessitasse descobrir o mundo, tinha dificuldades em iniciar essa busca, mesmo estando mais adaptada a métodos de modelagem social, essa adaptabilidade a tornava mais comunicativa, mas o esforço de se comunicar a deixava exausta, pois queria ser aceita por todos. A ingenuidade também a impedia de entender contextos vulneráveis, causando decepções frequentes e a colocando em situações perigosas (Mendonça e Silva, 2022).

Foi nesse período que a autora iniciou seus primeiros relacionamentos com mulheres, sendo a primeira namorada 22 anos mais velha. Embora a autora possuísse um corpo considerado belo pela métrica socioculturalmente construída (Bourdieu, 2012), sua maneira de interagir com o mundo a afastava de ambientes frequentados por pessoas mais jovens (Butler, 2020).

Na universidade, ela construiu três amizades improváveis, considerando que as pessoas tendem a se aproximar por suas igualdades (Harari, 2013). O grupo incluía uma mulher lésbica com autismo (a pesquisadora), uma profissional do sexo, uma evangélica e uma jovem que se encaixava nos padrões de normalidade socioculturalmente construídos: branca, alta, magra, de cabelos lisos pretos e pertencente a uma família tradicional de Pernambuco. Com essas amigas, aprendeu aspectos da vida feminina, como vestimentas adequadas, atração e amizade.

A universidade proporcionou maior liberdade e diversão, levando a autora a se expandir socialmente e a consumir drogas lícitas como cigarro e cerveja para facilitar a socialização. No entanto, a falta de aceitação familiar devido à sua sexualidade a levou a procurar locais em que pudesse ser aceita. Estudos mostram que pessoas com deficiência são acolhidas no ambiente familiar, mas discriminadas socialmente (Kroeff, 2012), enquanto pessoas LGBTQIAPN+ são excluídas tanto pela família quanto pela sociedade (Pascoal, 2021). Dessa forma, a autora enfrentava dupla exclusão e invisibilização como mulher.

A superproteção e o capacitismo também afetaram a dinâmica familiar, com a rejeição do diagnóstico de autismo e a tentativa de suprimir seus traços autísticos. Buscando inclusão, a autora se envolveu com comunidades empobrecidas, residindo em uma área periférica rural de Igarassu, onde participou de reuniões comunitárias e fez amizades com os vizinhos. Essa experiência proporcionou um vínculo de afeto raro em áreas nobres e ajudou a construir *habitus* clivados, distintos em dois campos opostos (Bourdieu, 2005). Nessa época, a autora se relacionava com uma mulher pertencente ao campo local, mas o vínculo era motivado apenas pelo desejo de pertencimento, sem amor romântico.

No âmbito da sexualidade, até a juventude, a autora não havia sentido gozo sexual, sentindo-se incompleta e com a esperança de um dia experimentá-lo. A busca por sensações era guiada pelo desejo de compreender e vivenciar o gozo, uma experiência influenciada por sensibilidades sensoriais variáveis em mulheres autistas, que podem vivenciar a hiposensibilidade ou a hipersensibilidade sensorial, inclusive com relação ao sexo (Pereira, 2019; Mendonça e Silva, 2022).

Economicamente, a autora trabalhou como analista de responsabilidade social em uma empresa multinacional, conhecendo diversos lugares no Brasil, incluindo SUAPE. Seu hiperfoco autístico no trabalho rendeu-lhe prêmios vinculados à Petrobras, ao Ministério do Trabalho e ao instituto social da empresa em que trabalhava.

Fase adulta

A fase adulta foi permeada por decisões para migrar a outros campos de atuação. Além disso, com mais independência nas questões pessoais. Assim, quando contava com 32 anos,

terminou o relacionamento de 11 anos com a ex-companheira e começou a pensar nas possibilidades de mudança profissional, afinal, sempre quis seguir a vida acadêmica. Estudiosos indicam que pessoas com autismo podem apresentar desenvolvimento assíncrono, ou seja, em algum momento da vida a aceleração do desenvolvimento pessoal, profissional, acadêmico, dentre outros, ocorrem de maneira mais acelerada ou menos acelerada (Manetti e Ferreira Filho, 2018).

Dessa maneira, na fase adulta apresentou o maior platô em relação a outras fases de desenvolvimento, dentre esses: experimentou pela primeira vez o gozo sexual; migrou para a área acadêmica; iniciou um relacionamento funcional, tendo a percepção que poderia construir a própria família; procurou profissionais para auxiliá-la nas questões relativas à saúde mental; cursou o mestrado na Universidade de Pernambuco; ingressou no Mestrado em Educação na UFPE; e, iniciou pesquisa sobre a sexualidade da pessoa com deficiência.

Sendo importante, contudo, refletir sobre o capital social (Bourdieu, 2012) possibilitando condições para pensar, refletir e ressignificar a própria existência. A esposa acreditou nos seus potenciais, demonstrando ser possível alcançar outros campos. Por essa maneira de amar, compreendeu o que seria o amor, tendo novas visões a respeito de si mesma e do outro. Assim, por meio dessa relação, encontrou a solidez dos sentimentos, não necessitando, como afirmou Bauman (2004), serem líquidos. Além disso, os laços construídos também indicaram as possibilidades de viver a liberdade na relação a dois, o que denominou de amor libertador: aquele que não cabe nos espaços construídos por nós mesmos a partir das nossas perspectivas com relação ao outro e do outro com relação a nós mesmos. Isso conduziu-a a uma busca incessante pelo autoconhecimento.

Em 2015, após deixar o emprego na multinacional, iniciou a busca por novos espaços, fazendo em curto espaço de tempo uma especialização e vários cursos, contudo, não conseguiu nesse período acessar o hiperfoco, pois as mudanças tornavam o caminho difícil, a rigidez comportamental dela fazia com que vislumbrasse o mesmo trabalho exercido anteriormente: responsabilidade social empresarial. Pesquisas indicam que a rigidez comportamental em pessoas autistas é uma característica que pode ser encontrada e necessita ser trabalhada para que tenham uma vida menos tensa, devido à dificuldade de mudar de foco (Klin, 2006).

No ano de 2016 ingressou no Programa de Pós-Graduação em Administração na UPE, especificamente na linha de Gestão do Desenvolvimento Sustentável. A Dissertação foi focada na inclusão de pessoas com deficiência visual no âmbito do desenvolvimento sustentável. Assim, voltou o hiperfoco para área mais específica. Por ter vivenciado situações de violência simbólica ao longo da vida, decidiu ser pesquisadora inclusiva, adaptando os métodos de

pesquisa à realidade das pessoas, dessa maneira estudou tiflogia e audiodescrição. Além disso, observando que aos poucos a rigidez comportamental foi possibilitando espaço para outra área: metodologia de pesquisa, pois teria que agregar a vontade de incluir junto ao rigor acadêmico.

Durante o curso de audiodescrição conheceu um professor na UFPE, com o qual se identificou pessoalmente, profissionalmente e academicamente. O professor a incluiu em um grupo de pesquisa, composto por vários pesquisadores/as da área da inclusão. Finalmente havia encontrado o seu grupo profissional, poderia ser a diversidade de marcadores sociais que trazia até aquele momento. Junto ao grupo de pesquisa, pela primeira vez verbalizou ser uma mulher lésbica, não necessitando mais esconder a sexualidade nos ambientes públicos de trabalho e pesquisa. Estudos demonstraram que homens gays e mulheres lésbicas tendem a esconder as sexualidades nos ambientes de trabalho e se adequar em nível de comportamento aos padrões socioculturalmente estabelecidos da heteronormatividade (Antunes *et al.*, 2021).

No que se refere ao autismo, soube do diagnóstico aos 42 anos. Apesar disso, eram constantes as indagações do porquê não se adequar ao mundo. Assim, por espontânea demanda procurou neuropsicóloga e psiquiatra especializado em autismo. A notícia que o diagnóstico ocorreu na infância foi impactante, fazendo com que procurasse a primeira psicopedagoga, que informou questões relevantes ao seu neurodesenvolvimento.

Ocorre que na década de 1980, quando era criança, ocorreram três marcos históricos: inclusão do autismo no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM3, sendo reconhecido como um transtorno específico; conceito de autismo como espectro; e, maior sensibilização sobre o autismo por meio da mídia (Murari e Micheletto, 2015). Assim, compreendeu que a temática era permeada por tabus colocando a pessoa autista na condição que não poderiam ser inseridas na sociedade.

De maneira a seguir com a sua experiência de existência, compreendeu que o autismo não a definia, fazia parte dela e sempre a acompanhara, assim como a sua sexualidade. Rebecca, uma mulher-lésbica-autista, continua a vivenciar as suas interseccionalidades, como qualquer pessoa que está no mundo, e, como um grito diz: eu existo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta autoanálise teve como objetivo desvelar as interseccionalidades complexas vivenciadas por uma mulher-lésbica-autista, inserida em um contexto socioeconômico e cultural específico. Utilizando um referencial teórico robusto que inclui Pierre Bourdieu, Judith Butler e estudiosos do autismo, a autora mapeou a trajetória de sua vida, evidenciando como os *habitus* familiares, educacionais e sociais moldaram suas experiências e percepções.

A decisão de escrever na terceira pessoa não apenas conferiu o distanciamento analítico necessário, mas também universalizou a narrativa, conectando a história pessoal com a de outras mulheres-lésbicas-autistas. Essa estratégia narrativa reforça a importância de compreender as experiências individuais dentro de um quadro mais amplo de opressões e normas sociais.

A análise revelou como as expectativas familiares e sociais, marcadas por violências simbólicas e capacitismo, influenciaram profundamente a trajetória da autora desde a infância até a fase adulta. As dificuldades de socialização, a invisibilidade da sexualidade e a luta por reconhecimento emergem como temas recorrentes ao longo do texto. A autora destacou a importância das redes de apoio e das relações significativas, mostrando como esses fatores foram cruciais para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

As reflexões finais sublinham a importância de uma autoanálise crítica e bem fundamentada, que não apenas revela as experiências individuais, mas também questiona e desafia as normas e estruturas sociais que perpetuam a exclusão e a invisibilidade. A autora demonstra que, apesar das adversidades, é possível encontrar espaços de pertença e construir uma identidade autêntica e resistente.

Este trabalho contribui significativamente para os estudos sobre autismo, gênero e sexualidade, oferecendo uma perspectiva única que integra teoria e experiência pessoal. A narrativa da autora serve como um testemunho poderoso das lutas e resiliência de mulheres-lésbicas-autistas e como um convite para uma maior compreensão e inclusão dessas experiências na academia e na sociedade.

Finalmente, a autoanálise apresentada não é apenas um relato de vida, mas um ato de resistência e afirmação de identidade. Ao compartilhar suas vivências e reflexões, a autora reivindica seu lugar no mundo e inspira outras mulheres a fazerem o mesmo. Em um mundo ainda marcado por exclusões e silenciamentos, textos como este são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra et al. **Experiências da emancipação**: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-Abolição (1890-1980). Selo Negro, 2015.

ANTUNES, Camila Veloso *et al.* “Eu tento não me esconder, nunca”: estratégias utilizadas pelos profissionais gays e lésbicas para minimizar os estigmas sexuais nos espaços de trabalho. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), 2021.

AZEVEDO, Larissa Antonella *et al.* **As repercussões das redes sociais significativas de estudantes com deficiência no contexto do ensino superior**. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

Bourdieu, Pierre. **Esboço para uma auto-análise**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2012.

BRASIL. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. n-1 edições, 2020.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. **A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990)**. Anais do Simpósio Nacional de História, Florianópolis, SC, Brasil, v. 28, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Zahar, 2023

CUNHA, Daniel Barcelos da *et al.* **"Homossexualidade é...": discursos de professores e professoras de Ciências sobre o tema da homossexualidade**. 2019.

CASTRO, Adriana Roma; SANTOS, Roseli Albino dos. **O processo histórico, cultural e processo histórico, cultural e educativo de pessoas com deficiência visual no Brasil**. Revista Científica da Faculdade Quirinópolis, v. 2, n. 10, p. 68-81, 2020.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Rev. Bras. Educ. [online]. 1999, n.10, p. 58-78.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Relações entre gênero, sexualidade e família: "homem com homem dá lobisomem, mulher com mulher dá jacaré"** <http://dx.doi.org/10.15601/1983-7631/rt.v7n13p91-104>. **Revista Tecer**, v. 7, n. 13, 2014.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 28, p. s3-s11, 2006.

KROEFF, Paulo. **A pessoa com deficiência e o sistema familiar**. Revista Brasileira de Terapia de Família, v. 4, n. 1, p. 67-84, 2012.

Logie, R. H. **The Functional Organization and Capacity Limits of Working Memory**. **Current Directions in Psychological Science**, 20(4), 240–245. doi: 10.1177/0963721411415340. 2011

MANETTI, Ilis Ângela Wickbolldt; FERREIRA FILHO, Raymundo Carlos Machado. **Guia Prático: recursos e procedimentos para inclusão do aluno com transtorno do espectro do autismo**. 2018.

MARTINS, Bruno Sena et al. A emancipação dos estudos da deficiência. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 98, p. 45-64, 2012.

MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade**. Manduruvá Edição Especiais, 2019.

MENDONÇA, Sophia; SILVA, Selma Sueli. **Autismo no feminino: a voz da mulher autista**. Mundo Asperger, 2022.

MURARI, Silvia Cristiane; MICHELETTO, Nilza. Transtorno do espectro do autismo e identificação precoce de seus sinais no contexto das Unidades Básicas de Saúde. *Psicologia e análise do comportamento: saúde e processos educativos*, p. 55-64, 2015.

OGINOYA, Maya Natasha et al. *As Pessoas com Deficiência Intelectual nos Espaços Sociais de Florianópolis*. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP, 2007.

PASCOAL, Matheus Mendes. Algumas possibilidades para pensar as atitudes violentas contra pessoas LGBT. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 7, p. 183-190, 2021.

PEREIRA, A. K.; SOUTO, V. A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres. **Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação Sociedade Brasileira de Design da Informação**. Belo Horizonte. 2019. p. 1403-1411.

QUADROS, Marion Teodósio de. Desenvolvimento, sexualidade de mulheres jovens, políticas de educação e práticas educativas: entre ausências, silenciamentos e invisibilizações. **Revista Antropológicas**, v. 25, n. 2, 2014.

QUADROS, Marion Teodosio de; NASCIMENTO, Raimundo Nonato Ferreira do. O diálogo entre Antropologia e Educação: experiências com a diversidade na formação de professores da Educação Básica. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1, p. 244-263, 2015.

RIBEIRO, E. N. *Retratos de um professor universitário surdo: experiências frente os paradoxos da inclusão/excludente educacional*. 2020

ROMANO, Lucas; PARAVIDINI, João. Da anulação no discurso à eliminação em ato: o sofrimento do sujeito e o ato suicida no autismo. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Autores Associados, 2020.

VASCONCELOS, Vitoria Chiari. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências**. 2022.